



A Cabra

EDIÇÃO OFFICIAL

NUMERO UNICO Director, proprietario e editor NOVEMBRO DE 1910
ZÉ SEM NARIZ

A CABRA

Sua genese, formação e transformações evolutivas.

Prelecção feita ao curso Juridico-medico-theologico-mathematico-philosophico no anno lectivo de 1910-1911.

A Cabra, escreve Icilio Vanni, é um conjuncto complexo e complicado de pellos, de têtas e chavêlhos, cuja força obrigatoria assenta no seu seu exercicio prolongado e constante e cuja descoberta se deve ao sabio bichologista Bernardo Ayres, ha muito filiado na escola de Savigny e no partido republicano, como é de todos sabido.

Divide-se a Cabra, segundo Hoffman, em *Cabra externa* e *Cabra interna*, constituindo a primeira a parte de fóra e a segunda a parte de dentro: garras, papo, coração e outras miudezas, que se não veem a olho nu. A sua genese vem dos remotos tempos em que nos boulevards de Paris passeavam os homens de Cro-Magnon, assim chamados, porque, segundo parece, eram todos propriedade do Dr. Alves Moreira. Refere Henri Capitant, e com elle concorda a escola dos juristas cultos, que já em tempos anteriores á constituição das tribus era frequente ouvir-se dizer o marido para a mulher, quando esta começava a berrar reclamando o divorcio:

— Cala-te p'ra ahi, grande cabra!

Um fragmento de obelisco egypcio milagrosamente encontrado pelo sr. Veiga Simões (especialista no genero, com armazem de antiguidades em Arganil) confirma a existencia do bicho na região do alto Nilo, no tempo da minha Jacintha, digo, rainha Nitokris.

Nesse fragmento lê-se em interessantes hieroglifos (muito bem conservados para a idade) a seguinte quadra, que um Zé Anjos da epocha costumava cantar com o fado do Menano:

O' cabra que foste cabra,
O' cabra dos tempos velhos!
O' cabra que está virada
Do rabo para os chavêlhos!...

Encarando agora a Cabra sob um aspecto exclusivamente juridico cumpre-nos dizer que os jurisconsultos discordam sobre a sua personalidade. Ulpiano considera a Cabra coma pessoa singular, «*Capra est una et non me veniant cã cum historias*», ao passo que o sr. dr. Guilherme Moreira a considera como pessoa collectiva, citando o exemplo dos rebanhos, que, quando praticam «um acto illicito» (traduzindo: fazem maroteira) são demandados na pessoa do cabreiro. Escusado será dizer que concordamos com ambas as doutrinas, reservando-nos porem o direito de termos ácerca de cada uma d'ellas tres opiniões, que podemos synthetisar neste lema: *que sim, que não e que talvez*. E' a Cabra considerada *movel* quando anda e *immoval* quando se pega e não ha diabos que a façam caminhar. A este respeito, felizmente, toda a gente está de accordo, se bem que o Visconde de Seabra (saudoso) no seu projecto do Codigo Civil esteve vae não vae a considera-la como fructo pendente.

Não se contentou, porém, a Cabra em permanecer de carne e osso, como qualquer de nós ou como o Dr. Assis. Assim vêmo-la entrar no direito portuguez feita de bronze e com badalo, attributo que lhe foi concedido por D. Diniz num foral: «E hu siino tará seu badalo pera u tanger i seu noume sará a Cabra».

Ainda numa mimosa poesia do mesmo saudoso Rei vêmos a preferencia que elle dava ao apendice por elle doado á Cabra:

Ai badalo, ai badalo do verde sino,
Ai Deus! y u é?

Não podemos citar aqui toda a complexa legislação, que sobre a Cabra se tem feito, mas os curiosos podem socorrer-se para o effeito da monumental Collecção de Legisla-

ção Fiscal, verdadeiro «Lusiadas» juridico. Não devemos, todavia, esquecer o decreto dictatorial, festejado, transcripto e applaudido nas licções do sr. Dr. Tavares, no qual se determina que se a Cabra rachar que se funda de novo a Cabra, sob pena do presidente do coselho d'então dar a sua palavra d'honra e mandar um raio em noite caliginosa que fica tudo gago.

Taes são, dum modo geral, as «prenoções» do estudo cujos «preliminares» serão estudados para o anno e cuja «introducção» será objecto do quinto anno, reservando-se o estudo da «materia» propriamente dita para depois de formados, porque isto não vae a matar, nem os senhores tem necessidade de sair d'aqui sabendo senão vagamente umas coisas.

— N. da R. — A Redacção do n.º unico da *Cabra*, previne muito lealmente o publico estudante que o assumpto desta sebenta constituirá parte vaga no acto.

TESTAMENTO

D. Cabra da Torre, com mil annos d'idade, solteira e virgem desde pequenina, faço saber que a ultima vontade que a minha alma quer, pretende e determina é esta que ahi vae pelo meu punho: Deixo á *briosa* inteira liberdade d'ir ás aulas ou não. Em testemunho de preito e gratidão ao meu cabreiro deixo-lhe a corda que dantes m'embalava. Deixo ao relógio, antigo companheiro, uma inscripção de conto e mais as pratas que houver ao tempo na casa de jantar; á guarda dos Archeiros as quatro patas, para os bedeis alguma que sobrar. Deixo aos bons reis da Sala dos Capellos una mécha entrançada dos meus pellos. Na Torre o meu logar deixo a concurso. Deixo ao Pacheco, o pyramidal, o *urso* mais urso dos que o foram sendo gente, um pedaço de rabo. Aos ursos velhos duas marradas; e ao corpo que é «*docente*» deixo as duras pontas dos chavelhos e a obrigação de se mostrar contente. Como não quero esquecer os exothericos, e tendo sempre em vista que são histericos, eu lhes lego o badalo! Com a condição, porem, que não de guarda-lo nas profundas entranhas do seu ser. E p'ra que seja cumprido o meu querer, p'ra que seja o legado bem cumprido (legado meu cujo segredo guardo) d'oleo d'amendoas doces deixo um frasco envolvido em papel pardo.

Eis aqui o meu pobre testamento escripto em versos curtos e compridos mas foi o que se arranhou neste momento, p'ra outra vez irão mais bem medidos.

ATOMOS DE TALENTO

Em resposta a uma circular que enviámos a alguns ex... , perguntando-lhes a sua opinião sobre a Cabra e a sua morte, recebemos estas joias que vamos fazer saborear aos nossos leitores.

Ah! seus gulosos!...

*

Ex.^{mo} Snr... hum... hum..., isto é,...

Cidadão:

A Cabra, assim chamada desde tempos remotos... hum... hum... isto é... hum... já ha muito tempo ou por outra... quero dizer... hum... este nome de Cabra, que ja não é d'hoje, não deve ser Cabra, mas sim Cabro, isto é, ... hum... onde se lê o «a» final de Cabra, devia-se ver um «o» tambem final.

Esta minha opinião pessoal, que, julgo, tambem já seguia o Sr. Jardim fundamenta-se na minuciosa analyse da parte unica em que se subdivide a parte interior da Cabra, digo, Cabro, e que vem a ser o badalo.

Julgo, sufficientemente provado, pela existencia d'este corpo, que a Cabra não é Cabra femea mas sim Cabro macho, com «o» final, ... isto é... por outras palavras... hum... hum... mas não desejo ser mais extenso.

Todo seu

Ex-conde lente

Caro Senhor:

A cabra, vulgarmente considerada como um animal europeu, não o é exclusivamente, visto que no planalto de Mossamêdes existiam em 1829, 4293, que ficaram reduzidas em 1867 a 569 em virtude de varias doenças havidas entre os bodes. Em 1885 esta cifra tornou de novo a subir até 3002, em virtude d'uma intensiva importação de bodes da Nova Zembla. Este augmento de população caprina, apesar de proficuo á colonisação, não produziu, nos ultimos tempos, o resultado esperado em virtude da neurasthenia de que eram atacados os bodes com saudades de sua familia chegando a morrer, em 1905, cerca de 1954 d'estes intelizes. Finalmente, tendo ido ao poder o illustre e eminentissimo colonialista, o Snr. Ayres d'Ornellas, providenciou-se luminosamente, no seu formidavel

decreto, sobre este ponto, providencias estas que fizeram em 1908 chegar, no mesmo planalto, ao espartoso numero de 11.452 cabras, 32.597 cabritos, cabritas e cabrões.

Apesar de não se ter feito, nessa occasião a estatistica, posso afirmar que havia até mais do que se pensa.

Recebendo as suas ordens.

Sou seu

Ex-Ennes

Cenhor redator:

Pede-me a minha opiniam çobre a morte da kabra.

Impocível dar-lh'a porque a kabra não morreu, çomente foi kapada. Eu esplico: a kabra existe, mas está muda.

O qe morreu foi a vós, i como o seu orgam vokal era o badalo, este é qe foi kortado, i nada mais.

O qe eskapou á astusia de todos, nam podia fujir á minha çubtilleza.

De Você

Ex-Petiz.

Senhor:

Nós, abaixo assignados, declaramos que a Cabra não morreu naturalmente,—foi assassinada!

Assassinada por uma perseguição politica. Se estivessemos no poder, havia de ir tudo á pancada, a tiro, á espadeiradada, que é o unico modo bom de governar.

Quaes liberdades nem meias liberdades? Cadeia, fôrca, fogueira, é que é o systema.

Sem mais incommodo pomos á sua disposição uma dictadurazinha, se a deseja.

Seus

Ex-Breu e Ex-José Rafles.

Irmão em Christo:

A Cabra morreu! Deixal-a! E' preciso avançar, progredir.

Viva a Republica! (credo, Santa Mãe de Deus me accuda!...)

Viva o Antonio Zé d'Almeida! (mea culpa, mea magna culpa! Senhor, perdoae-me os meus peccados!...)

Viva o Affonso Costa! (Santos da Côte do Ceo, valei-me!...)

O Governo Provisorio, é só digno d'elogios! (São Gonçalo, advogado das coisas perdidas! Valei-me. Grandê Santo! Fazei-me encontrar a minha vergonha, que me

sinto morrer em peccado!...)

A cabra morreu! Pois está bem!...

Deixal-a morrer! (Almas crentes: um padre-nosso, para tirar a sua alma do purgatorio, amen).

Seu amigo e correligionario

Ex-primo de Santa Izabel — Sôo-sa-Comez.

Senhores:

A Cabra é um animal intermediario entre a pulga vulgaris e o elephante. Salta como o primeiro d'estes animaes e tem cauda como o ultimo d'estes animaes. Vulgarmente tem quatro patas e faz mé.

Para mim é ponto assente que se póde classificar entre os quadrupedes.

Sem mais

Ex-thalassâ-fumante

Nota da redacção:—A' hora em que o nosso jornal vae entrar nas machinas não se tinham ainda recebido mais respostas á nossa circular.

Pensamentos, palavras e obras acerça do infausto successo

Na quadrilaterada torre de mincas e esmadrigadas frestas feneceu o escabujar algido e glabaro das endo-hypodermicas contursões epiletico-nevropathicas da Cabra. Os meus pesames.

Abel Botelho

Morreu a Cabra, mirifico sino lapidario, que vinha logo em poz em cathedra mais subida. Eu e o Zé Luiz projectamos um In Memoriam tezissimo com artigo do Abel e do Quiñones.

Orlando Marçal

Morreu a Cabra, bem sei, No estrangeiro fez grande impressão. O tropico de Capricornio poz a bandeira a meio pau.

Magalhães Lima

A Cabra
Dá leite.
Da Torre
Era enfeite
E morreu
Foi p'r'o ceu.
Tadinha
Da cabrinha!

D. Amelia Jany

Ai de mim! Sem a Cabra como hei de organizar no futuro a parte cantante dos meus saraus das Creches!...

D. Marianna Portocarrero

A morte da Cabra trouxe simplificações ao meu repertorio. Fico só com o «carneiro e o cevado». Folgo com isso.

Chaby

Meus olhos são dois cabritos
teus olhos são dois cabraes.
Saltam meus olhos p'os teus,
os teus inda saltam mais.
Meus olhos são dois cabritos,
teus olhos são dois cabraes.

Alberto Monsaraz

Finou-se essa que em sua folgazã
linguagem a mocidade estudiosa costumava
chamar a Cabra. Chora, chora,
quanto a mim a dor suffoca-me.

Conselheiro Accacio

A Cabra esticou. Deixa-lo! Era uma
malessa, não dava sorte para cavallo.

Ruy da Camara

Foi sempre uma discipula rebelde a
Cabra. Nunca aprendeu uma pagina do
meu compendio de boas maneiras nem
uma valsa a tres tempos.

Cónha

A Cabra morreu no seu posto: ba-
tendo-se na Rotunda. Fui eu quem a ini-
ciou na Carbonária. Era das minhas!

Sousa Gomes

. . . E Polycrates marmorio, ethereal
disse á gaja: «Esta Cabra era animal».

Eugenio de Castro

A Cabra, meus senhores, desde tem-
pos remotos considerada como um pre-
juizo collectivo, pereceu perante a onda
da democracia triumphante. (Excerpto
dum discurso).

Alves Sequeira (cidadão)

A Cabra com a ironia cortante da
sua voz metalica, metallicamente soan-
do, lembrava-me as paginas humoristicamente
humoristicas da *Reliquia*. Se
tivesse monoculo era o Eça dos sinos.

Feliciano Santos

Partos da Cabra

Gerada n'um bronzeo e herculeo
sangue, temperado e reforçado nos
vastos e profundos laboratorios de
Vulcano, ainda nos ultimos annos
da sua existencia, a macrobia Cabra,
d'uma natureza exigente e fertillis-
sima, atraçou, por vezes, o seu
desventurado consorte.

Se fossemos a enumerar todos
os *bons successos* com que a Cabra,
desde a sua adulescencia, povoou a
Musa-Athenas, formidavel teria de
ser a nossa tarefa, se bem que d'esse
modo enriquecessemos tão interes-
sante archivo.

Dado o pouco espaço de que
dispomos, vamo-nos pois restringir
ás suas ultimas *délivrances* a que as-
sistimos e no exercicio das quaes
tivemos de desenvolver uma nota-
vel pericia, que a difficuldade dos
partos determinou, pericia essa que

ensombrou a propria proficiencia
dos Mattos, Saboyas e todos esses
preclaros gynecologistas, a quem a
humanidade tanto deve.

Concebidos n'uma epocha já
madura, e productos d'um contacto
bem suspeito, fracos, bem fracos,
têm sido os seus ultimos rebentos,
aos quaes, a intervenção forçada de
um forceps vigoroso, mais tem de-
formado e compromettido, resultan-
do d'isso, salvo casos excepcionaes,
exemplares abortivos d'um raro va-
lor zoologico, desde o *urso* ao mais
bisonho animal.

N'uma tarde nevoenta do meia-
do de Outubro de 1908, á hora em
que o inconsolavel *Pae das colicas*,
começava a sentir já as primeiras
torturas resultantes da presença do
méconio *sebentaceo* agglomerado,
desde o anno anterior, nas alfarro-
biferas circumvoluções cerebraes, e
no momento em que o mellifluo e
esperançoso *Pitotinhas* arengava, em
falsete com o reverendo e *travêso*
Caetano, ácerca da influencia exo-
therica na magna-besta, eis que fô-
mos chamado, á pressa, pelo meta-
phisico e jámais comprehendido
Lopes *Michoud*, que, esbaforido e
arroxeadado, accentuava, n'um diale-
cto francaceo, a *nexxidade immedia-
ta dos noxos xervixos*.

Accedemos. Tratava-se, mais
uma vez, da *sobredita cuja*.

A pobresinha debatia-se então
n'um atroz soffrimento, depois de
uma gestação de dez mezes.

Durante a noite, o feto, n'uma
ancia vital suprema, aliás instinctiva
e natural, de vêr a luz e sorver a
longos haustos o aperitivo perfume
do verde dos campos, projectava
sobre as paredes do bojudo ventre
da parturiente, as extremidades cu-
riaceas dos membros anteriores, ar-
rancando assim á infeliz, rumorosos
e afflictivos queixumes,

Só no dia seguinte, de manhã,
depois d'um laborioso trabalho em
que, com um carinho extraordinario,
fômos auxiliado pela dedicada *Mar-
rafa* e pelo engraçadissimo *Calçado*,
quasi parente do neophyto, é que
este foi cuspidado do alto, cahindo, já
com firmeza, de quatro, no chão.

Recebeu no baptismo o empol-
gante e suggestivo nome de «*Bigen-
xio*». Serviu de madrinha o *Achilli-
nhos do Grêllo*, e, como padrinho,
segurou na tocha, o mais *prospero*
dos prosperos.

O ultimo rebento interessante,
foi dado á luz este anno.

O recém-nascido que tem uma
bossa especial, é um producto esqui-
sito, verdadeiro phenomeno physio-

logico, a quem, apesar da sua com-
pleição franzina, nada satisfaz, com
a circumstancia ainda, de nada mas-
tigar: *Engole tudo*. Recommendam-
os o axemplar ao Amancio Alpoim
clinico-especialista de taes anomalia-
lias.

Santos (parteiro)

DIZ-SE

— Que a Cabra fazia os seus *fa-
vores* ao Alvares e que era ella quem
lhe ajudava a arrastar por cá a vi-
dinha *honradamente*.

— Que este sapientissimo cabu-
la, telegraphou para a India para que
os mosquitos de lá se façam repre-
sentar nos funeraes de cá.

— Que pagou o telegramma,
apezar de não ter n'aquella occasião
5 reis para *paivantes*.

— Que o Xico Gameiro, arre-
pellou a careca quando lhe disseram
que morreu a Cabra.

— Que o Paixão Pinta a Pera,
offereceu o seu diamante para um
annel que a extincta deve levar no
dedo minimo.

— Que morreu a Cabra mas fica
a Maria Marrafa.

— Que esta senhora Marrafa
offereceu ao testamenteiro da Cabra,
2 beijos pelo badalo.

— Que o Custódio Paiva não
pode levar a bem que a Cabra seja
do sexo femenino e tenha badalo.

— Que quer saber *á má cara* de
que é feito o badalo.

— Que por este motivo já teve
uma discussão violenta com o Elias
da Costa.

— Que este patusco foi nomeado
testamenteiro da Cabra e que vae
dar um tiro nos miolos se lhe não
largam o badalo.

PELO TELEGRAPHO

O BADALO DA CABRA

Sevilha 10. — Arnaldo Fortes — Coim-
bra — Veja se consegue me mandem badalo,
Sebastião, Bispo de Beja.

Coimbra, 10 — D. Sebastião Beja — Se-
vilha — Impossivel; tentei m'o mandassem. In-
formam auferil-o Bossa, Arnaldo.

Sevilha, 11 — Fortes — Coimbra — Ins-
te mais uma vez. Quero badalo. Sebastião de
Beja.

Coimbra, 11 — Bispo Beja — Sevilha —
Deixe-se de lerias, meu anjo. Tempos mudados.
Nossa escola italiana posta de parte; predomi-
na escola franceza representada Bossa, Arnaldo

Sevilha, 12 — Testamenteiro Cabra —
Coimbra — Mandem-me badalo. Offereço em troca
bens da mitra. Sebastião Beja.

Coimbra, 13 — Porcalhão de Beja —
Sevilha — Não ha cá feito. Vá raio que o parta,
Elias da Costa.

Sevilha, 14 — Paiva Lerenó — Coimbra
— Queria badalo! mande-m'o! Sebastião de
Beja.

Coimbra, 14 — Bispo Beja — Sevilha —
Como mandar-lh'o se você está lá tão longe?
Lerenó.

PROGRAMMA

D. Pagode Pevide Paucada, por graça de Deus, Rei do Brodio, Gran-Cruz da Antiga, Nobilissima e Esclarecida Ordem da Cabula, etc. Fazemos saber que, em nome da Pandega, se decretou, para valer como lei, o seguinte:

Artigo 1.º — A's 2 horas da tarde de 17 de novembro, *realizarão-se* com toda a pompa os academicos e pomposos funeraes da Cabra.

Art. 2.º — O cortejo funebre que deve organizar-se nos jardins da casa da illustre extincta, seguirá pela *Rua Larga, Rua S. João, Arco do Bispo, Couraça dos Apostolos, Rua Dr. João Jacintho, Rua dos Coutinhos, Sé Velha, Rua do Correio, Couraça de Lisboa, Calçada, Avenida Sá da Bandeira, Rua Alexandre Herculano, Lyceu e Largo da Feira.*

Art. 3.º — O cortejo será assim organizado:

- 1.º — Rompem a marcha 20 alabardeiros, commandados pelo capitão da guarda, Diogo Polonio, a cavallo, com a sua roupeta de veludo de setim roxo e o seu barrete na mão e o bastão, insignia do commando.
- 2.º — O carro funebre, tirado a 6 parellas, conduzindo a urna que encerra o cadaver da desditosa Cabra, ladeado pelos mais sabios cabulas da Universidade, lentes de todas as faculdades com insignias doutoraes e familia da extincta.
- 3.º — *O xô-Mosquita*, conduzindo a chave da urna funebre.
- 4.º — Um côro de 69 Carpideiras, entoando o *Estavas linda Ignez, posta em socego...*
- 5.º — *O Venta Azeda*, conduzindo o capacete armado e o badalo da Cabra.
- 6.º — Outro côro de 800 Carpideiras, entoando o *Ai! Adeus! Acabaram-se os dias!...*
- 7.º — Os trombeteiros, a cavallo, da Guarda Real dos Archeiros.
- 8.º — Sua Magestade El-Rei Pagode, singelamente vestido, montado n'um soberbo cavallo arabe engalanado de magnificentes jaezes, e rodeado de 24 moços de esporas vestidos com gibões de setim branco e encarnado com muitos côrtes, calças brancas forradas de setim encarnado cortadas e sapatos de velludo azul, com pennas brancas deitadas para as costas e prezas a fitas encarnadas.
- 9.º — O Alferes-mór Sant'Anna Marques, com a bandeira real desfraldada e *a meio pau*, montando um formoso cavallo branco todo enfeitado, com os seus arreios de brocado roxo e prata chapeados de rosas, e grande testeira com trunfa de pennachos.
- 10.º — O anadel dos espingardeiros, Custodio Paiva, de bigodeira ferozmente encrespada e *bacamarte aperrado para abrir caminho.*
- 11.º — *Seguirão-se*, os prelados, pagens, escudeiros, cautellas de prego, moços d'estribeira, passavantes, sebentas, bedeis, archeiros, porteiros da canna a cavallo e descobertos, capelos, borlas, arautos, reis d'armas e outras piadas da Grande Côrte.
- 12.º — Um pelotão de cadêtes, com a charamella.
- 13.º — As carretas das corôas.
- 14.º — Juizes Conselheiros do Supremo Tribu-

nal, desembargadores de Relação, representantes do Ministerio Publico e Associação dos Advogados.

15.º — O Clero.

16.º — A Carbonaria, corporações de Bombeiros e mais associações de bomba.

17.º — Homens das Charamellas e 6 contingentes de artilharia de montanha, 25 navios de guerra, 8 companhias de sapadores, 35 esquadrões de cavallaria, 6 regimentos de marinha, 15 de infantaria a cavallo, 8 regimentos de engenharia, a companhia dos ginetes e a Cruz Vermelha para o que dêr e viêr.

Art. 4.º — As forças militares que tomam parte no cortejo, devem formar no Parque da Universidade, fronteiro á Via Latina.

Art. 5.º — No Parque da Universidade devem conservar-se sempre 2 baterias de artilharia de guarnição, que salvarão ao mar de 15 em 15 minutos desde a sahida do cortejo até baixar á sepultura o corpo da querida Morta.

Art. 6.º — Os navios de guerra surtos no Mondego, devem ter as vergas desmantilhadas, com a bandeira e distinctivos a meia adriça, devendo salvar á terra de 15 em 15 minutos desde a saida do feretro até baixar á sepultura, dando uma salva final de 21 tiros.

Art. 7.º — Logo que o corpo baixe á sepultura, a companhia dos ginetes dará as 3 salvas do estylo.

Art. 8.º — São amnistiados todos os caoiros e bichos, os quaes serão, para todos os effeitos normaes e legaes considerados pessoas, e estarão consequentemente ao artigo da lei civil (artt. 873.º e 965.º dos Estat. Socied. Protet. dos Animaes Exquesitos).

Art. 9.º — Este decreto entra immediatamente em vigor e fica revogada toda a legislação em contrario.

Pelo que: mando a todas as Pessoas, a quem o conhecimento, e execução deste *Programma* pertencer, que o jurem e façam jurar, o cumpram e façam cumprir e guardar, tão inteiramente como nelle se contem. Que os fidalgos da Côrte assim o tenham entendido, e o façam imprimir, publicar, cumprir e guardar tão inteiramente como nelle se contem, e valerá como carta passada pela Chancellaria Academica, posto que por ella não haja de passar, sem embargo da Ordenação em contrario, que sómente para este effeito Hei por bem Derogar, ficando aliás em seu pleno vigor; não obstante a falta de referenda, e mais formalidades do estylo, que igualmente Sou Servido Dispensar.

Dado em Coimbra nos Paços das Ecolas da Universidade, aos quatorze dias do mez de Novembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil novecentos e dez

El-Rei (com rubrica e guarda).

Visconde de Seabra, o fez

Registado a fl.º 69 do Competente Livro. Coimbra, 14 de Novembro de 1910.

VISCONDE DE SEABRA

